

## ENTREVISTA A JOSÉ VIEIRA

10 de Maio de 2017

**ENTREVISTADO:** José Vieira

---

**Centro de Mar** – Nome completo...

**José Vieira** – José Pereira Gonçalves Vieira.

**Centro de Mar** – E a data de nascimento?

**José Vieira** – 29 de Junho de 1946.

**Centro de Mar** – É natural de onde?

**José Vieira** – Monserrate.

**Centro de Mar** – Freguesia?

**José Vieira** – Monserrate.

**Centro de Mar** – Tinha alguma alcunha?

**José Vieira** – Eu não, não.

**Centro de Mar** – Já agora o nome do seu pai...

**José Vieira** – Salvador Gonçalves Vieira.

**Centro de Mar** – E da mãe?

**José Vieira** – Isaura Pereira.

**Centro de Mar** – Antes de ir para o bacalhau exerceu alguma profissão?

**José Vieira** – Antes de ir para o bacalhau comecei a trabalhar com 11 anos numa papelaria na Rua Manuel de Espregueira, papelaria moderna.

**Centro de Mar** – Atendimento ao público?

**José Vieira** – Atendimento ao público, papelaria era também uma gráfica, havia livros, havia de tudo. Estive lá seis anos depois concorri à escola de pesca ... na altura tinha de ser com cunhas não é, não consegui, fiz um estágio para empregado de mesa aqui no antigo... uma residencial aqui em frente ao antigo hospital e depois portanto fui para o mar, andei na pesca local e depois fui para o mar, para a pesca do bacalhau, fui em 1966...primeira viagem.

**Centro de Mar** – Qual foi o motivo?

**José Vieira** – O motivo foi portanto, naquela altura já iam para o trabalho não é, e a gente na pesca do bacalhau fugia, a minha mãe também não queria que a gente fosse porque o meu pai morreu lá, nem queria que nós fôssemos para o mar mas a coisa puxava-nos mesmo ir para o mar.

**Centro de Mar** – O seu pai então morreu antes de...

**José Vieira** – O meu pai morreu em 1953, portanto, tínhamos nós 18 meses quando o meu pai morreu, o meu irmão mais velho tinha 4 anos, assim qualquer coisa, e então coisa do destino andamos os três no mesmo navio...

**Centro de Mar** – Os três irmãos?

**José Vieira** – Os três irmãos no mesmo navio, até este o Senhor dos Mareantes era o Navio onde mais irmãos existiam desde a Murtosa a Caxinas, muitos Caxineiros, Vila Praia de Ancora, haviam imensos irmãos e Viana também...havia muitos irmãos mesmo e eu andei oito anos lá no Senhor dos Mareantes, na pesca do bacalhau. Eu depois na pesca do bacalhau a primeira viagem foi de verde com o meu irmão mais velho já andava, fez a primeira viagem no Vasco de Lourei, portanto o meu irmão fez a viagem do Vasco de Lourei e essa viagem ficou marcada, parece que o Navio adornou à saída daqui, ia leve e apanharam mau tempo, o Navio adornou e foram até Lisboa adornado, ficaram todos...até que houve umas cheias grandes, eles salgavam as carnes e o bacalhau e tiveram de as encher para fazer assim um bocado de coisa e tudo...mas não resultou. Esse, o Vasco de Lourei tinha sempre qualquer coisa de...depois diziam não é...de fabrico, ali tinha sempre...inclinava um bocado.

**Centro de Mar** – Mas andou sempre na...

**José Vieira** – Sempre no Senhor dos Mareantes, oito anos.

**Centro de Mar** – E na pesca do arrasto?

**José Vieira** – Na pesca do arrasto, o Senhor dos Mareantes era a pesca do arrasto.

**Centro de Mar** – Pronto, agora andando um bocadinho para trás, pode contar um bocadinho sobre a história do seu pai começando um bocadinho pela atividade...

**José Vieira** – O meu pai era pescador, pesca local, era do tempo em que era tudo a lemos, pesca à linha, aqui a pesca local era a sardinha, e era...praticamente era a sardinha a maior parte dos meses não iam ao mar porque era tudo a lemos, não havia motor não é, quando estava mau tempo não saiam...na pesca do bacalhau o meu pai, portanto era pescador à linha e segundo o que eu sei estavam a vir para Portugal, tinham o navio carregado estavam de baixo de mau tempo, acho que aí descreve qualquer coisa sobre isso. Pronto, o capitão parece que não quis ir para São Jones ou qualquer coisa, diz que ainda iam pescar mais um bocado e foram apanhados no meio do temporal. Eu ainda andei com algumas pessoas que naufragaram com o meu pai, quer os irmãos, quer motoristas, o João Martins que era filho do sr. Martins tinha aqui uma coisa que fazia pipas na rua de Viana ali por trás do Hotel Aliança, era o João e o César, eles eram três irmãos, era o João, o César e o Arnaldo...o Arnaldo andou comigo no Senhor dos Mareantes de electricista, o João e o César eram ajudantes de motorista na altura que naufragaram com o meu pai porque no naufrágio só morreu o meu pai porquê...porque o meu pai ia ao leme, todos tinham ido para baixo para os quartos e esse meu tio sabe bem descrever outras coisas em que o meu pai como era assim muito arrojado tinha dito ao Capitão que qualquer manobra que queria fazer por causa de fugirem ao ciclone e o Capitão acho que não aceitou, então ele com aquela fúria ficou ele sozinho ao leme, ficou sozinho ao leme veio o ciclone, apanharam-no no meio varreu o navio todo e o navio ficou só com um casco, ficou a boiar, tudo que estava lá em baixo salvou-se, mas tudo que estava cá em cima o navio ficou varrido, depois, os outros...portanto foi tudo salvo, ao fim de dois dias ou qualquer coisa assim e o navio acho que foi posto com uma

....no fundo porque só ficou mesmo com o casco, afundou, não podia estar...o meu pai nunca apareceu, nunca apareceu...eu tinha uma pessoa muito amiga dos meus pais, era da Fuzeta, ainda tenho umas cartas que essa senhora escreveu para a minha mãe após o tal falecimento, chamava-lhe o sr. Fernandes e eu por acaso andei anos para descobrir a morada desse senhor, ele fazia campismo no algarve ia lá para a beira, Vila Real, Santo António...andei anos atrás desses senhores nunca consegui descobrir, lutei por tudo mas nunca ninguém me deu informações, até que um dia aqui na Capitania em Viana, porque eles faziam a matrícula aqui disseram-me assim “oh pá, você”, um senhor, um marinheiro “oh pá, você tem uma coisa boa, vai à Fuzeta, vá lá a um jardim à beira mar, quando vir assim velhotes, você pergunte alguém lhe vai dar alguma pista”, pronto, e eu nesse ano em Junho fui para lá, cheguei lá e fui direitinho ao sítio, encontrei lá um jardim e tal e quando estou a fazer perguntas a um senhor de idade se conhecia isto assim, assim o senhor arrepiou-se todo e começou a chorar, então era cunhado desse senhor que eu procurava, ele tinha falecido à dois anos, depois ainda encontrei a esposa, a esposa depois ainda veio cá a Viana, tinha um sobrinho que trabalhava na CP e então nós já ficamos na cada deles naquele dia, já nos deixou ir para lá e prontos, foi um recordar de coisas porque ela mandava-nos sempre...ainda me recorda que ela nos mandava uma cestinha com aqueles figos e amêndoas, durante muitos anos, já eu tinha 10 anos ainda me recorda dela todos os anos no Natal a minha mãe recebia a encomenda e eu ia levantá-la à estação essa encomenda com essa cestinha, depois a senhora também faleceu, estive aquela semana na nossa casa com o sobrinho e passado um ano e tal faleceu, à uma sobrinha que ainda está viva lá nós ainda no ano passado a festa das praias do apostolado do mar foi na Fuzeta, e nós fomos lá à Fuzeta mas essa sobrinha não estava lá, nesse dia tinha ido para Lisboa, a história do meu pai resume-se a isso, depois nunca mais soubemos nada, aqui a minha mãe depois para receber aquela pensão que tinha direito, aquele subsidio andou aí pelas ruas da amargura porque enquanto que não aparece-se...nada...mas depois tinha aqui assim um Tenente aqui na Capitania, Sargento Américo, esse senhor, Tenente interessou-se muito e com isso o pai do Martins que era o Srº Martins também era uma pessoa muito influente e tinha assim muitos conhecimentos deram muitas volta e passados

para aí três anos a minha mãe recebeu uma indemnização, infelizmente essa indemnização a minha mãe gastou toda comigo, apanhei uma pneumonia e a minha mãe todos os testões que tinha gastou comigo, felizmente eu recuperei bastante e à uma coisa aqui no Slate, aqui em Viana havia um senhor que se chamava Hélio, era o Doutor Hélio, aquela casa que faz esquina para a estação em frente ao tribunal do lado direito, eles moravam ali assim...e então esse senhor, esse médico quando ia lá metia-me assim no meio das pernas dele sacava de um porta moedas, um saquinho daquelas em prata e mandava tirar uma moeda, era para a minha mãe encomendar um bife, eu só ia às moedas pretas, não queria as moedas brancas, um tostão, dois tostões na altura e então ele disse olhe vais começar a dar óleo de fígado de bacalhau ao teu filho se ele conseguir beber, se se conseguir habituar isto é remédio santo e pronto a minha mãe lá...e eu gostava tanto daquilo que às vezes bebia de garrafa até que ele previa que eu recuperasse em cinco anos e eu em três anos recuperei e ele disse “graças ao óleo de fígado de bacalhau” nunca mais me esqueci disso, graças ao óleo de fígado de bacalhau estou recuperado, eu já tinha 12, 13 anos e quando ia lá uma vez por ano fazer o raio x e não sei que mais ele dizia sempre “nunca te esqueças que foi do óleo de fígado de bacalhau”.

**Centro de Mar** – Olhe então regressando aqui à história do seu pai, sabe mais ao menos quantos anos é que ele andou na pesca do bacalhau?

**José Vieira** – Anos...não sei, não faço ideia.

**Centro de Mar** – E ele saía de Viana ou saía...

**José Vieira** – Não, o barco saía aqui de Viana, saíam aqui de Viana porque a seca era uma seca que havia ali à beira do barracão dos touros, onde é o coiso do mar, o coiso náutico...

**Centro de Mar** – O do remo...

**José Vieira** – O do Remo, ali assim, havia ali uma lingueta era ali a seca, agora até...nós no outro dia até fizemos um almoço dos antigos alunos da escola aqui de Maria José, São Domingos e até foi lá nesse restaurante e nesse restaurante as paredes ainda são da antiga seca do bacalhau.

**Centro de Mar** – Nós temos aí as imagens...

**José Vieira** – É aquilo pertencia tal Mendes, o Sr.º Mendes...e portanto eles saíram daqui, o navio saía, ia para Lisboa fazer a coisa e meter sal iam para Setúbal e depois é que vinham para Lisboa e depois de Lisboa havia um dia em que eles portanto faziam uma cerimónia e todos os navios da pesca à linha saíam todos, saíam todos ao mesmo tempo...

**Centro de Mar** – Meados de Março...

**José Vieira** – É meados de Março, ali pela aquela altura...

**Centro de Mar** – Mas o seu pai pescava mesmo ou só estava...

**José Vieira** – Não, o meu pai era mesmo pescador.

**Centro de Mar** – Pescador dos Dóris?

**José Vieira** – Dos Dóris, daí que ele tinha que se o senhor tiver possibilidade de ir à ficha vê lá que na ficha dele tem especial e primeira linha, porque aquilo era por categorias, eles não tinham ordenado ganhavam conforme a pesca, era uma percentagem, portanto uma percentagem para a empresa e depois a empresa é que dava um x por cada quilo de bacalhau, como nós no arrasto não é...mas nós no arrasto já tínhamos um ordenado, portanto o seu falecido pai naquela altura...eu ganhava 650, não 750...o seu pai parece que era 850, 900 escudos, ganhava mais qualquer coisa...portanto...e depois é que tínhamos uma percentagem em cada quintal de bacalhau, era portanto 2 testões, 20 centavos.

**Centro de Mar** – Mas dizia-me então que o seu pai era pescador de primeira linha?

**José Vieira** – De primeira linha...

**Centro de Mar** – Qual era a diferença da primeira, segunda e terceira linha?

**José Vieira** – Era assim, aquilo devia de ser, calculamos nós...aquilo é conforme a percentagem de peixe que apanhavam não é? Por exemplo imaginemos que o meu pai apanhava por exemplo os meses que lá estavam,

apanhava por exemplo 200 quintais de bacalhau, o total do especial, a primeira linha se calhar seria 150, e a terceira se calhar seria 120 ou 100 por aí...

**Centro de Mar** – Dependia da quantidade de bacalhau...

**José Vieira** – Sim, quantidade, exatamente.

**Centro de Mar** – Então o Sr. <sup>o</sup> José resolveu para fugir à regra não é...

**José Vieira** – Fui para a pesca do bacalhau...

**Centro de Mar** – Diga-me só qual foi o último ano em que embarcou...

**José Vieira** – Portanto, do bacalhau foi em 1972.

**Centro de Mar** – Depois foi para...

**José Vieira** – Fui para...a marinha marcante, andei nos petroleiros da Soponata e na altura estava em construção a Portucel e o meu irmão gémeo que também saiu na mesma altura que eu esse ingressou logo na Celnorte e eu depois de andar, como fui para a marina mercante, depois andava assim um bocado aborrecido eram viagens muito longas e eu não tinha filhos, embora já estava casado já à muitos anos a minha mulher tinha problemas e pronto, não conseguia segurar as crianças, teve sempre abortos e depois foi medicada e teve filhos e depois eu também deixei....e o meu irmão arranhou-me a ir para Celnorte, estive lá 32 anos na Celnorte.

**Centro de Mar** – E diz-me que andou sempre no mesmo arrastão?

**José Vieira** – Sempre no mesmo arrastão no Senhor dos Mareantes...

**Centro de Mar** – No senhor dos Mareantes...e qual era a categoria?

**José Vieira** – Eu portanto fui como verde a primeira viagem e depois na segunda viagem, portanto em 66 fizemos uma viagem só, nessa primeira viagem em 66 o moço da copa adoeceu, o senhor teve um problema dos pulmões e como eu tinha estado a fazer esse estágio, essa formação aqui nesse restaurante aqui em frente ao hospital havia, umas pessoas daqui, portanto, o chefe de máquinas, o Sr.<sup>o</sup> Gilberto morava ali na Areosa a beira da Amazonas, era o chefe de máquinas, eles iam muitas vezes lá jantar a esse restaurante, pessoas da empresa...pessoas assim, e então ele conhecia-me

porque a esposa do Sr.<sup>o</sup> Gilberto era empregada de servir como a minha mãe foi, a minha mãe foi empregada de servir na casa do Dr.<sup>o</sup> Castro não sei já ouviu falar aqui em Viana...

**Centro de Mar** – Conheço o nome...

**José Vieira** – Aquela farmácia em São Domingos era onde a minha mãe foi praticamente quase criada e casou lá, eles foram os padrinhos de casamento dos meus pais e então esse senhor o Gilberto esse chefe de máquinas conhecia-me de lá, porque ele no Natal dava-nos sempre umas línguas, umas gatas, bacalhau e tal, eu ia sempre à casa dele buscar e daí ou ele me viu lá no restaurante a aprender a servir à mesa quando o criado, era conhecido pelo o criado de mesa porque aquilo lá só trabalhávamos com os oficiais, portanto, fazíamos na parte dos oficiais, portanto o empregado de mesa fazia tudo, só não fazia a comida de resto fazia tudo, as camas, fazia a limpeza, servia à mesa, lavava, as casas de banho...fazia a manutenção toda dos oficiais, exceto os ajudantes motoristas esses é que eram independentes, então de máquina e tudo fazíamos nós, portanto era o empregado de mesa que fazia essa manutenção e daí ele chamou porque todas as pessoas, ali estava-se no quentinho porque lá fora estava muito frio mas cá dentro estava-se muito quentinho mas ninguém queria fazer esse serviço, que era um serviço que lavar casas de banho, lavar o chão e era para fazer camas e essas coisas todas, lavar às vezes a roupa não mas toalhas e guardanapos e tudo porque não chegava para a viagem dependia da viagem, 3 meses, 4 meses, tivemos uma viagem de 9 meses e também tivemos a sorte de fazer em 1967 o ano em que eu casei que fizemos duas viagens, fomos a segunda linha da pesca do bacalhau em termos de arrasto, porque a primeira esse ano tinha sido a .....e depois infelizmente até foi ao fundo não é em Aveiro e então aí eu fui convidado para vir cá para dentro e eu aceitei, portanto sabia e pronto estive sempre a pesca toda...portanto, depois havia um compensação portanto o Capitão passou-me para maduro, era por categorias, primeiro era o verde, era o maduro, depois era ..... ou aprendiz ou escalador ou salgador e depois então a categoria última era...chamavam-lhe de emprego, que era um desses o salgador, o escalador ou .....portanto...e então o Capitão promoveu-me a maduro mas dava-me sempre uma gratificação ao final do coisa da pesca para



compensar portanto eu ali não podia ter outra categoria equivalente aos pescadores que estavam no convés não é...e pronto havia sempre uma compensação monetária, andei sempre com o mesmo capitão que era daqui de Viana o Sr.<sup>o</sup> João Araújo que o pai dele foi durante 50 e muitos anos o chefe de compras aqui da empresa Pesca de Viana e pronto o Capitão daqui...depois andei com outros também o João Rocha, esse passou comigo na altura, era piloto comigo, andei com um piloto que faleceu à pouco tempo era empregado bancário do Banco aqui Souto Maior...prontos e resume-se mais ao menos a isto...

**Centro de Mar** – E em média quanto durava uma viagem?

**José Vieira** – Ora bem, em média era, lá está, era a percentagem sobre a pesca do bacalhau, os quintais que nós trazíamos eles faziam assim, por exemplo cada selha de peixe, portanto o bacalhau vinha caía naquela selha já preparado, o garfeiro botava-o para a selha e quando a selha estivesse cheia botava para o porão onde estavam os salgadores, encheram o quintal, depois havia uma placa onde ele rodava sempre, chegava ao fim do dia o Capitão sabia que durante aquele dia apanhou por exemplo 200 quintais, cada selha equivalia a um quintal de bacalhau e sabíamos quantos quintais mais ao menos tínhamos, nós por acaso nesse em 1967 fizemos portanto as duas viagens, trouxemos...o navio tinha capacidade para 20 mil toneladas, não 20 mil quintais, 20 mil quintais e nós trouxemos 18 mil e 900...qualquer coisa assim não me recordo porque como naquela altura houve muito peixe, portanto, os porões foram enchendo, foi-se salgando o bacalhau e o bacalhau depois com o tempo vai diminuindo e tem que haver um espaço em que os salgadores pudessem trabalhar e aquilo foi tanto bacalhau que nós em 3 meses carregamos o Navio, viemos fomos para o mar outra vez, estivemos aqui 3 semanas fomos outra vez e viemos em princípios de Outubro, eu casei-me a 22, portanto já tinha tudo preparado e foi um viagem de 3 meses e qualquer coisa, nós nesse ano acho que foi 18, à volta de 36 mil quintais ou qualquer coisa assim.

**Centro de Mar** – Mas saiu aqui em Viana?

**José Vieira** – Nós saíamos aqui em Viana, íamos para Setúbal meter o sal e depois vínhamos de Setúbal para Lisboa fazer, portanto, meter o resto dos mantimentos, gasóleo e preparar tudo e arranjar portanto, calibrar as agulhas, essa coisa toda, naquela altura era feito assim e depois é que íamos para o Canadá.

**Centro de Mar** – E mais ao menos quanto tempo demorava a chegar ao Canadá?

**José Vieira** – Volta de 6, 7 dias...se fosse logo na entrada nos bancos, onde pescávamos, os navios da pesca do bacalhau à linha que era logo ali à entrada eram fundos baixos portanto ali usávamos arrastões porque quase que nunca pescavam.....era a zona onde os Navios pescavam, eram á volta de 7 dias, a correr bem...nós a primeira viagem ficou-nos marcada porque coincidência saímos de Lisboa no dia 13 uma sexta-feira debaixo de um temporal desfeito em que os pilotos de Lisboa costumam estar no Estado de Belém já estavam cá dentro... o Capitão quis sair naquele dia, até ao Açores foi debaixo de tempo desfeito bagas de 6, 7, 8 metros de altura e dos Açores para a frente então, nem queira saber, aconteceu que nós...daí que nós em 1966 fizemos uma viagem só...

**Centro de Mar** – Na primeira viagem?

**José Vieira** – Na primeira viagem... e porquê uma viagem nesse ano, porque nós viemos em Julho, porque com o temporal que nós apanhamos verificaram que havia umas lombrias do coisa dos porões que tinham partido e nós fomos diretos para São Jones, não tínhamos radar, não tínhamos nada, a ala do lado esquerdo do Navio ficou quase desfeita...um bote que havia, onde se ia buscar correio, essa coisa toda o temporal desfez tudo, haviam umas portas que pesavam 1500 quilos que abria portanto a rede da pesca no arrastão que iam no coiso em cima do convés, aquilo deslocou tudo arrancou os parafusos onde estava soldado e aconteceu que aquilo fez um fenda para baixo que os pescadores até São Jones era tudo com capas e tudo porque a água entrava e então daí que estivemos em São Jones, tivemos que tirar o sal todo do segundo porão que aquilo havia compartimentos não é...do segundo porão tirar tudo para fora para eles tentarem soldar um remedeio e daí que quando

viemos em Julho o Navio já não foi porque esteve quase dois meses nos estaleiros, essa viagem ficou...

**Centro de Mar** – E depois 6 a 7 dias a correr bem não é e depois mais ao menos quanto tempo ficavam...

**José Vieira** – Portanto tivemos viagens de 6 meses, nos últimos nós não saímos com tempo...conforme a pesca e a empresa é que mandava o Navio, convinha o Navio vir com 14, 15 quintais mandava vir o Navio, se não aguentava até mandar vir o Navio embora, daí que podia ser 6, 7, 8, 9 meses chegamos a fazer uma viagem, não me recorda se foi com o seu falecido pai nessa viagem, mas portanto nos últimos anos é que já saímos, houve uma negociação qualquer com o Grémio em que já saímos com 180 dias de mar, 6 meses, ao fim de 180 dias tínhamos de estar...saímos de Viana hoje daqui a 180 dias tínhamos de estar em Viana, isso foi os últimos 2 anos...

**Centro de Mar** – Então mas em média poderia ir dos 3 aos 9 meses...

**José Vieira** – Dos 3 aos 9 meses, por aí...

**Centro de Mar** – E consegue mostrar-me um bocado como e que era uma viagem destas?

**José Vieira** – Uma viagem destas era muito, como é que hei de dizer...muito triste, muito perigosa, os Navios...era um Navio clássico, pescava de lado, para meter a rede dentro tinha que atravessar ao mar e portanto quando havia muito peixe todos os Capitães...peixe era o que a gente ganhava não era e eles então era uma cegueira...na pesca do bacalhau havia uma série de arrastões que pertenciam todos ao mesmo grupo, um por exemplo de Aveiro, do Grémio, ou do espanhol, francês e então eles por código comunicavam quando iam à rede, aqui...mais peixe, ali apanhou x e portanto num hora, duas horas, dependia...às vezes a rede prendia, portanto tinha-se de ir à rede antes uma hora, conforme, então eles comunicavam sempre entre si essa quantidade de peixe que apanhavam, ora daí que quando havia muito peixe aquilo era...não havia horas de trabalho, normalmente as horas de trabalho eram 18 horas de trabalho, nessas 18 horas havia meia hora para uma refeição, por turnos, portanto um turno descansava 6 horas, que não eram 6 horas, neste caso 5

horas e nesse intervalo que eles iam para cima tinham que tomar o pequeno-almoço, ou almoço, ou jantar dependia da hora que viesse para cima e depois o turno que ia para baixo também tinha ir, portanto fazer a refeição...qualquer das maneiras eram sempre 5 horas de descanso que eles tinham em 18 horas de trabalho, as 18 horas é que eram sempre, naquelas 18 horas tinham só meia hora de intervalo, depois era a parte de inverno era terrível, que era o frio, temperaturas de 20 graus, chegamos a trabalhar com 22 graus negativos, em que o peixe caía e passando meia hora estava quase frisado, já não conseguíamos meter a...o mau tempo, as pessoas ali a trabalhar a cair...a roupa ficava tesa, água gelada...em situações que o mar já estava calmo ainda mais ao menos, quando era com temporais aquilo era...quantas vezes a ir à rede havia um cabo assim que vinha do comando à proa e quando o Capitão gritava tudo se agarrava ao cabo porque o mar vinha entrava pelo Navio dentro e ficavam todos ali assim, pronto...aquilo era terrível...

**Centro de Mar – E a convivência a bordo?**

**José Vieira –** A convivência havia de tudo, havia de tudo porque a própria pesca por vezes criava conflitos, a alimentação era o pior que podia existir, eu apesar de não poder dizer isso de mim porque como comia da comida dos oficiais não é...a comida dos oficiais era uma e a do pescador era outra, a de pescador era de cão, muitas vezes eles reclamavam, havia situações de muito peixe, muito cansaço, 18 horas ali, haviam pescadores, esse meu irmão mais velho era um pescador de 18, 19 de escalar peixe por minuto, se calhar ao fim de coise já não escalava 18, escalava 16, 15 por aí e dependia do bacalhau conforme o tamanho deles, não é...porque nos primeiros anos o bacalhau era tanto e tanto em que o Navio ia à rede, apanhava 4 ou 5 toneladas de peixe e mandava para o porão se calhar 500 quilos porque só escolhiam o grande, depois nos outros anos começou a diminuir e então já começaram a aproveitar mais o mais pequeno, e depois era a correr no portaló para deitar o peixe fora, o que não servia, já ia morto...e então a alimentação era o piorio, era um prato de sopa, era um parto de carne ou peixe, o peixe geralmente era peixe fresco, apanhavam ali, era o bacalhau, havia uma coisa por exemplo, o senhor tinha um problema no estômago, o seu falecido pai tinha um problema de estômago ele só bebia leite mas era preciso ele levar um documento de terra do médico a

dizer que ele só podia beber leite, se não tivesse isso o coiso não dava, o cozinheiro não dava, haviam aquelas pessoas que só podiam beber leite e depois era uma caneca de café, era um bocado de peixe frito que davam e a única coisa que havia bom, bom era o pão, era feito todos os dias, à descrição...era o pão e o peixe frito e daí que havia muitos pescadores que levavam uma reservazinha, umas conservas, atum, sardinhas, naquelas alturas de mais fraqueza iam, fazer caldeiradas às vezes levavam-se azeite, levava-se isto e aquilo porque o cozinheiro não dava não é, e era assim não podiam reclamar, quantas vezes o Capitão reclamava e o Capitão mandava vir “sois como os carneiros...” e uma altura houve um levantamento porque o pessoal começou a cair no coiso, começou a cair em cima do peixe e depois o enfermeiro foi ao convés e as pessoas começaram a dizer que estavam todas fracas que a alimentação estava fraca e então daí houve um reforço porque como havia muito peixe houve um reforço na alimentação, mas só foi naqueles 2, 3 dias e eu sei isto tudo porque eu trabalhava nos oficiais, servia-os à mesa e sabia tudo que se passava e sei o tratamento que havia com os pescadores e sei o tratamento que havia com o oficiais, os oficiais tinham de tudo quanto existia do melhor, desde bebida, enquanto o pescador tinha uma garrafa de cerveja de vinho por dia, mas não era vinho, era meio vinho, meio água, porque ao ir ao porão encher o vinho já levava 5 ou 6 litros de água dentro da chaleira porque o vinho tinha de dar para aqueles meses, se a viagem fosse curta à vinda para a terra dava borracheira todos os dias se a viagem fosse longa tinha que durar, mas para os oficiais não, para os oficiais era à descrição, não podia faltar, depois tinham pequeno almoço com tudo, queijo, fiambre, tudo, ovos mexidos, tudo...para o pescador não existia nada! Depois tinham três pratos, tinha sopa, peixe e carne, e nunca podia ser repetido porque senão o Capitão chamava o cozinheiro e dizia “Você não muda a folha ao livro!?” , quantas vezes isso aconteceu e bons cozinheiros, tivemos aqui um de Vila Praia de Âncora que faleceu à pouco tempo que o pai dele era conhecido pelo tapulha, era um dos grandes cozinheiros da pesca do bacalhau e quantas vezes ele saiu de lá com as lágrimas nos olhos, percebe...e porque até a comida do Capitão era à parte, só o Capitão, o Capitão era dieta, sempre dieta e então a dieta do Capitão era sempre especial mas as dos oficiais também era especial enquanto que o pescador não, o seu falecido pai era da parte de trás também

tinha direito à comida dos oficiais, os motoristas e a mestrança, o mestre...o mestre salga e o contramestre também...e o resto dos oficiais, comiam à mesa, o piloto comia com o Capitão, grafista, o primeiro de máquinas e o terceiro, na segunda mesa era o imediato, era o enfermeiro, era o segundo e era o eletricitista, portanto comiam na mesa dos oficiais, o resto era cá em baixo na mestrança, o seu falecido pai, os da máquina comiam no camarote, tinham uma mesinha onde comiam, era assim coise, mas aquilo posso dizer...aquilo em termos de alimentação era um piorio, o pior que podia haver, você veja isto em 1968 foi feita na altura da matrícula que era em Janeiro sempre no dia 2 ou dia 3 de Janeiro fazia-se a matrícula aqui na Capitania e então tudo tinha reclamado que ia-se fazer uma revindicação de pedido, dois tostões em cada quintal de bacalhau e uma peça de fruta por semana, porquê? Porque nós tínhamos tido avarias no mar com uns espanhóis e com um russo, tivemos uma avaria com um russo e via-mos a alimentação deles lá, os espanhóis naquela altura tinham dois ovos por semana, uma peça de fruta a todas as refeições, tinham leite, tinham bebidas, tinham tudo, tinham roupa e nós não tínhamos nada disso, nada e quando foi feita essa revindicação na Capitania começou a matrícula às 10 horas da manhã, toda a tripulação praticamente estava a cumprir serviço militar e eramos 68 homens e o navio não saía para o mar com 67, tinha de sair com 68, era a escala portanto do Navio e então como os salgadores, os redeiros, e portanto os ditos homens de emprego o Navio não podia sair sem os homens deles porque eram a base da pesca do Navio, olha acontece que então como tinham o poder nas mãos fizeram então essa revindicação e o que aconteceu o Capitão às 11 horas da manhã suspendeu a matrícula e marcou para as 2 horas da tarde o administrador da empresa de pesca de Viana era o Doutor Botelho e sabe o que aconteceu? É que às 2 horas da tarde estavam dois carros aí assim à porta da Capitania porque o navio já era para estar fora de Viana e com aquela coisa da matrícula não saiu, já ia no dia 5 e então abriram a matrícula, tu, a polícia ali assim ao lado, militares...matrículas, se não matriculares logo para o carro, para a tropa e nós os verdes e os maduros intimidados claro matriculamo-nos e o que aconteceu foi que a revindicação era só isso não era mais nada, uma peça de fruta por semana e dois testões em cada quintal de bacalhau, dois para o verde, dois para o maduro, para todos, lá os oficiais também iam ter e então eles quando...

de facto quando eles então quando tiveram gente para por o Navio na rua então, porque o contramestre que era portanto tinha de ir no Navio não coisa, não...matriculou logo, o mestre de salga...os da mestrança esses matricularam logo, os oficiais de máquina também, os motoristas e tudo...a greve, era um tipo de mini greve, nem se falava em greve naquela altura, Jesus, ia logo...e então eles disseram assim “Não à problema vocês podem matricular...”, disseram os pescadores, “vocês matriculam e nós ficamos cá e depois vamos ver!”, e nós matriculamos porque o Navio só levava as pessoas só suficientes para fazer a viagem até Setúbal, para meter sal, o sal era metido com máquinas e tudo só para vir para Lisboa mais nada e assim foi, isto foi às 2 horas da tarde e nós fomos metidos dentro no Navio quase como quem mete carne para dentro do Navio e ficamos aquela noite no Navio veio a comida assim de fora e no dia seguinte de manhã o Navio saiu para Setúbal e depois quando nós já estávamos de Setúbal para Lisboa foi que houve negociações e não sei que mais então eles cederam...por causa de uma peça de fruta e dois tostões, está a ver...depois claro, depois a comida foi melhorando ao longo dos anos, melhorando um bocado em termos até de confeção e tudo...

**Centro de Mar** – Na Marinha Marcante já se comia melhor que eu lembro-me de ir com o meu pai...

**José Vieira** – A Marinha Marcante era um luxo, eu era marinheiro da Marinha Marcante e a comida ali era igual, não havia diferenças, o Capitão...portanto havia diferença só eles comiam num sítio, nós comíamos noutra não havia diferença, eu andei no primeiro coiso petroleiro que foi o Sacor foi construído aqui no Estaleiros de Viana, foram três Navios, foi o Rocas, o Banding e o Sacor, portanto o Sacor e o Rocas eram Navios de petróleo pequenos e o Banding era de gás, mas aquilo era tudo igual, tudo igual, totalmente diferente.

**Centro de Mar** – Voltando ao bacalhau, vocês levavam enfermeiro a bordo?

**José Vieira** – Tínhamos enfermeiros, exatamente.

**Centro de Mar** – Chegou alguma vez a ver alguma situação, algum acidente, algum...

**José Vieira** – Nós tivemos, tivemos bastante... Por acaso eu vim aqui ao Gil Eannes tirar um dente, eu e outro colega e por acaso naquela altura quando saí daqui aconteceu bastantes...o bote ia ser enguiçado para o Navio, vínhamos de bote, o Navio estava sempre próximo, vemos aqui, subimos a escada no Portaló e tal fomos atendidos...tirar o dentes e tal e ate vi alguns tripulantes aqui que estavam no Gil Eannes de Viana e então depois quando eu ia a entrar para o Navio ao enguiçar o bote lá o guincheiro deixou correr um bocado o cabo e fez um solavanco, como fez o solavanco o bote partiu a meio, nós por acaso não fomos ao mar, houve um que foi...não fomos ao mar porque conseguimos agarrar, o bote ficou à borda do Navio pendurado, a gente vinha à rasca dos dentes, a dor de dentes passou logo, mas chegamos a vir aqui assim ao Gil Eannes algumas vezes com doentes até, exames...poucas vezes, chagamos a ir, havia um Navio que pertencia ao nosso grupo que era espanhol, havia um médico e no mar chegamos a pedir auxilio a esse médico que veio a bordo do nosso Navio precisamente por causa do chefe de máquinas, o Gilberto acho que era problema renal que ele tinha, mas depois nós fomos a Terra e depois em Terra ele aconselhou que nós fossemos a Terra e foi logo ao fim para aí 1 mês de viagem, portanto, o enfermeiro não podia fazer nada, até se o seu falecido pai fosse vivo quantas vezes, quantas horas ele passou a dar massagens ao chefe de máquinas na barriga até ficava a dormir, aconteceu ao seu falecido pai, aconteceu ao meu falecido irmão, também eram os dois, aquilo era por turnos, tocava à campainha...esse chefe de máquinas foi o único homem que nunca pós os pés na máquina, só pós os pés na máquina que eu me recorda um ano, talvez em 70, ao virar a rede a manobra mal feita, acontece, correntes de água e houve um cabo, chamam-lhe o cabo da patesca apanhou a élice o cabo, apanhou, portanto enrolou, nós tivemos de ir para São Jonas, depois portanto...cortado...nós fomos lentamente para São Jones e então conforme o chicote fazia...depois, portanto em São Jones foram lá os mergulhadores e conseguiram tirar, estiveram horas debaixo de água, gelado, era Inverno e depois eles fizeram...eu estava a auxiliá-los sempre com coisas quentes e tudo e então eles depois fizeram um molde acho que foi com sebo, acho que foi qualquer coisa com sebo para ver até que ponto o bronze do élice estava danificado, mas não estava, aquilo andou ali não roçava, se rouçasse portanto ia coisa...e depois acabamos a



pesca, acabamos o coise, viemos e depois aqui na doca seca viram...algumas situações tivemos que que levar São Jones, o barco debaixo do mau tempo uma volta de mar apanhou dois homens, não chegaram a partir as costelas mas tinham as costelas bastante...estavam bastante feridos e tivemos mesmo que arribar...São Jones...e depois situações a bordo de acidentes quase todos os dias havia, cortes, havia...no inverno com o gelo houve uma situação que cortou um dedo e só deu por ela quando foi para baixo, tirou as luvas porque o dedo praticamente estava congelado e o sangue estava congelado.

**Centro de Mar** – E diga-me uma coisa, o Gil Eannes portanto vocês pescavam mais ao menos próximos uns dos outros não é, em grupo...o Gil Eannes portanto andava sempre...

**José Vieira** – Sim. Não, o Gil Eannes não nos dava auxilio a nós, o Gil Eannes só ia no Verão, portanto nós saíamos em Janeiro não é? Vínhamos e só na segunda viagem é que o Gil Eannes portanto, quando já estava no bacalhau...o Gil Eannes prestava serviço à linha...

**Centro de Mar** – Mas ainda havia as duas...

**José Vieira** – Havia, havia...por exemplo peças que eram preciso para os Navios e então o Gil Eannes estava em Lisboa e antes de sair fazia uma encomenda e mandava, os familiares tinham sempre aquela coisa de levar uma caixinha com coisas para os pescadores, para os familiares, umas conservas, uns tomates, umas coisas assim, mas conserva em tomate que era para as tais ditas caldeiradas para matar a fome ou aconchegar um bocado o estômago e depois o Gil Eannes quando chegava lá, portanto, entrega-nos fazíamos o transporte das coisas depois disso era só mais ao menos correspondência quando era assim necessário o Gil Eannes ia para Terra perguntava aos Navio quem é que queria que levasse a correspondência, o Gil Eannes trazia e depois por exemplo já era capaz de nós estarmos longe e calhava de estar um Navio do grupo mais próximo deixava a correspondência nesse e às vezes essa correspondência andava 2, 3, 4, 5, 6, uma semana de Navio em Navio até chegar ao nosso, 3 meses sem correspondência e o único que tinha comunicação era o Capitão, o Capitão comunicava com a empresa

todas as semanas, pronto, quando queria falar para a mulher...nós a única coisa era o telegrama, podíamos mandar e era assim...

**Centro de Mar** – E portanto havendo uma situação de sendo necessário tratamento a bordo do Gil Eannes, portanto era comunicado era feito através de bote e depois como era receção, como é que era a entrada, como era o processo aqui dentro? Era como um hospital normal?

**José Vieira** – Sim, era como um hospital normal, eu recorda-me a minha situação, vinha tirar um dente, já estava comunicado com o enfermeiro, o enfermeiro não veio connosco não é...eramos só dois naquela altura, um por acaso até era ajudante de cozinha e então chegamos aqui, subimos o portaló, estavam pessoas ali assim, por acaso até estava um rapaz aqui de Viana a encaminhar-nos por causa de ver a fotografia, nós a fazer assim...fomos bem recebidos fizemos o tratamento, tiramos um dente e pronto fomos embora...aqui os Gil Eannes aos Navios à linha é que dava o apoio todo, havia muitos acidentes nos botes, alguns esmagavam, havia muita coisa e então aí é que o Gil Eannes prestava mais assistência aos Navios à linha.

**Centro de Mar** – Pronto, então depois do bacalhau, andou na Marinha Marcante quanto tempo?

**José Vieira** – Sim, andei ano e meio na Marinha Marcante, foi dos petroleiros, primeiro andei no Sacor que pertencia à empresa Marítima de Sacor mesmo e depois fui para a Sopanata em que fazíamos as viagens a Tenerife, a Moçambique e chegamos a fazer...eramos para ir a .... Fazer uma viagem mas depois houve mudanças na coisa de rumo e o material que era para levar para .....trouxemos para Matosinhos, aquilo era um produto que era para fazer o piche das estradas, é um produto preto, tinha de vir sempre quente e depois apanhei um grande susto em ..... um altura o Navio tinha 180 metros de comprimento, estávamos de baixo de água porque a viagem era 22 dias e o Navio abastecia de gásóleo para a viagem não é, portanto tinha de vir o máximo de carga nos porões e o máximo de carga nos tantos para a viagem, ali ao largo da África do Sul.....apanhamos um ciclone terrível com vagas de 11, 12 metros de altura em que o Navio metia a proa e quando chegava ao meio já estava outra vez, todo ele tremia...nessa altura houve um Navio inglês em que tinham

levado 3 homens, mas pronto, nunca chegaram a aparecer, por causa também... havia aqueles crocodilos, aqueles peixes coisa, quem caísse ao mar portanto, não se safava mais, e então eu...viagens dessas...aconteceu foi que tiveram que aliviar a água e o gásóleo tudo para o mar para o Navio aliviar um bocado e depois veio, passou ao fim de dois dias...o temporal passou, nós andamos ali às voltas porque o Navio andava sempre assim, o Navio não tinha controle e depois o Capitão não podia arriscar vir a Lisboa porque não tinha onde meter gásóleo ou tinha de ser ali em...ou em Luanda, então optou por meter lá em .....metemos o resto do gásóleo e viemos embora, eu nessa viagem vim a Viana e o meu irmão, encontrei-o “Então pá, tu não queres vir para a Celnorte?”, porquê, “Estão a meter pessoal, aquilo é por turnos”, e eu já andava com ideias de me estabelecer, tinha aquele bichinho e nessa altura arranjei uma casa ali na Rua do Loureiro, ali um armazém em que estava em obras, eu passei ali, falei com o senhor...era de Perre, conversei com ele, olhe eu vou fazer uma viagem às Canárias eram 11 dias mais ao menos ida e volta e quando vier vou falar com o senhor, se calhar vamos fazer negócio e eu vou ficar com isto aqui, para me estabelecer e assim foi, vim ia para as Canárias outra vez quando fui para as Canárias disse logo...ia sair, porque eu estava escalado...um dos maiores navio petroleiros daquela altura que era o Larouco que foi construído parece em Inglaterra ou qualquer coisa assim que era para Sopotata e eu era para ir buscar esse Navio, eram três meses sem estar em casa, eu não, desisti e estabeleci-me aqui em Viana, a minha mulher estava lá no comércio e eu como trabalhava por turnos que eram 7 manhãs, 7 tarde e 7 noites, portanto jogava ali um bocado...tinha ali um bocado de tempo para pronto...infelizmente também teve de deixar porque a minha mulher devido aos problemas coise dela ao fim de três anos tive de deixar aquilo, passei até...começaram a vir tornados...eu encontrei em Moçambique pessoas dessas dessa família, assim coise à beira do Porto de Mar, tinham lá aquelas tendazinhas e encontrei uma filha desses...ainda hoje trabalha no Continente, eram pequeninas quando eles vieram para cá...

**Centro de Mar** – Portanto, agora têm alguma ocupação?

**José Vieira** – Agora pronto, depois da Celnorte, naquela altura aqui à uns anos, vai à 12,13 anos...15 anos era o Ministro das Finanças o Félix e então

houve uma lei a quem tivesse 40 anos de caixa, 57 anos e que estivesse no desemprego 37 meses podia-se reformar sem penalização...

**Centro de Mar** – Foi como a minha mãe, estava na fábrica de chocolates...

**José Vieira** – Exato, e então na Celnorte já estavam a começar a querer dispensar pessoal, quem quisesse ir embora e eu então peguei fiz as minhas contas e eu assim bem eu estou quase nesta coisa, já tinham vindo colegas embora, já tinham falado comigo...Marinha Marcante...fiz as contas e olhe pedi ao Engenheiro ainda estive para aí 8 meses à espera de vir embora porque entretanto houve um colega meu com a mesma profissão que era o principal da área do papel que acabou por falecer e então tive de ficar mais uns meses ate preparar outro para me substituir e vim embora assim, sem penalização, a reforma naquela altura era razoável depois claro começaram a haver os discordos, mas pronto, graças a deus ainda, ao que nós vemos hoje, ainda dá bem para uma pessoa viver e agora olhe, agora faço parte aí da Paroquia de Monserrate e vou ajudando no que faz falta, sou coordenador do Postulado do Mar aqui e vamos...

**Centro de Mar** – E já deu muito ao País...

**José Vieira** – Eu digo muitas vezes isto, oxalá que os nossos filhos, nós vamos deixar uma herança muito pesada, muito triste para os nossos filhos, para os nossos netos porque o que estamos a ver a atravessar, porque nós apesar disto tudo eu recordo-me que quando trabalhava no comércio ia-se ao levar os descontos ao Grémio, comercio ali em frente ao Girassol e não me recorda bem se era até ao dia 10 e aí daquele comerciante que chegasse ao dia 10 e não tivesse lá os descontos dos empregados e então aquilo...hoje não, não...fazem-se os descontos e não os metem na segurança social e estão lá na maior, a maior parte dos patrões hoje o que é que a gente vê trabalham meia dúzia de meses e vamos embora e nós apesar de isso tudo ainda fomos buscar, apesar de todas as dificuldades do faxismo e essa coisa toda, ainda fomos buscar...tínhamos os nosso direitos, era um orgulho dizer assim “Eu trabalho à 20 anos”, a Celnorte hoje, tenho lá colegas meus ainda, quase poucos já do meu tempo, mas ainda os que existem, não à nome, mesmo as próprias chefias e tudo não à nome...na tropa, não andei na tropa mas os

meus colegas diziam que aquilo eram tratados por Viana, 34, 300...portanto, e hoje na Celnorte é quase assim, as chefias, portanto as espanholas e nós hoje vamos deixar uma herança muito triste aos nossos filhos e aos nossos netos e os que virão pior...a gente vê a evolução, como isto está, não sei se irão ter reformas...

**Centro de Mar** – Dificilmente...

**José Vieira** – Também já deve ter 50 anos...

**Centro de Mar** – Eu? Não tenho 37...

**José Vieira** – 37 aí sim...fazia-o para aí com 50 anos, eu tenho 71 portanto fazia-o para aí com 50 olhando portanto ao seu falecido pai, contava que você tivesse mais idade...e é a vida, o tempo que estamos, a situação não se vê a querer melhorar ou estabilizar, para um lado, para o outro as coisas parece-me que estão a querer melhorar um bocado mas...veremos...

**Centro de Mar** – Olhe Sr.<sup>o</sup> José já aqui tenho um bom registo, uma boa história...mais conhecimento acerca desta...

**José Vieira** – Se precisar de alguma coisa, se às vezes por acaso quiser fazer essa entrevista ao meu tio mas aí teríamos de ir ao lar...

**Centro de Mar** – Sim, sim...mas diga-me contactos, pessoas que possamos contactar para fazer mais entrevistas, isto ligado ao bacalhau, à pesca ou lampreia...

**José Vieira** – Aqui na Ribeira à ainda muitos pescadores ainda, ativos...da pesca do bacalhau posso falar com o meu irmão mais velho se ele portanto esse também andou a cumprir o serviço militar e depois andou muitos anos na Alemanha quando acabou o serviço foi para a Alemanha portanto posso falar com ele se ele quiser dar uma entrevista, eu falo com ele...

**Centro de Mar** – Se puder agradeço, já agora como é que ele se chama?

**José Vieira** – Valentim Pereira Gonçalves, nessa ficha do Grémio está lá, mandaram a mim, mandaram a do meu falecido pai e do meu irmão. Assim os que tenham andado comigo aqui de Viana já muitos faleceram mas pronto se eu vir assim mais alguma pessoa que queira...havia muitos, Ílhavo, Peniche

com o seu falecido pai, o meu compadre andou no Rio Lima depois é que passou para os Mareantes...não me estou a recordar assim de momento de mais alguém que andasse assim comigo que ainda pudesse mas se me recordar eu falo...

**Centro de Mar** – E pronto, quem diz pesca do bacalhau, diz Marinha Marcante, diz pesca de rio, pesca aqui da costa...o que nos interessa é recolher o máximo de testemunhos, hoje em dia ainda vamos conhecendo daqui a 20, 30, 50, 100 anos pelo andar da carruagem...

**José Vieira** – Eu vou falar com esse meu tio e quais são os dias que ao Sr.º Nuno lhe dá mais jeito?

**Centro de Mar** – Eu estou sempre aqui das 9h00 às 17:00 se não estiver está aqui a minha colega, Carina, também na receção todos os dias de terça a domingo, só estamos fechados á segunda mas eu estou aqui à segunda tenho é a porta fechada mas se me ligar...

**José Vieira** – Mas o Sr.º Nuno vai ter de ir comigo ali... é ao lado da Senhora d'Agonia ...

**Centro de Mar** – Podemos combinar, nós vamos ter agora as comemorações do Dia Europeu do Mar, vamos fazer aí um série de atividade e a semana vai estar toda preenchida, depois convém passar esta informação, se calhar na semana seguinte ou primeira de Junho...

**José Vieira** – Porque aquilo, eles tem um horário acho que é das 14h até às 16h é o horário das visitas e se calhar tinha de ser nessa hora que eles estão assim livres, de manhã parece que tem umas atividades e depois da parte de tarde, entre as 14h e as 16h é que tem portanto a hora da visita. Pronto, eu combino com o meu tio, vou falar primeiro com ele e depois eu transmito ao Sr.º Nuno está bem?

**Centro de Mar** – Então lá para a primeira semana de Junho entro em contacto consigo e depois combinamos então essa entrevista ao seu pai.